



Congreso
de Educación Física y Ciencias
15º Argentino, 10º Latinoamericano, 2º Internacional
Educación Física *en y para* la Democracia
Desde el 2 al 7 de octubre, 2023



***iGen*: Refletindo (Trans)Formações no Processo Educativo**

Rist, Gabriéli S.

gabrielli.rist@posgrad.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Pizani, Juliana

juliana.pizani@ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Costa, Leandra Costa da

leandra.costa@ufsm.br

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Resumo: O presente ensaio objetiva identificar as características da *iGen* ou geração z articulando reflexões junto à literatura, almejando propiciar um processo educativo dialógico, dinâmico, significativo, democrático e acolhedor. Para tal, usufruímos da literatura existente sobre a temática visando consolidar um arcabouço teórico que dê conta de contribuir com as (trans)formações no processo educativo atualmente.

Palavras-chave: *iGen*, Ensino Superior, Práticas Pedagógicas, Ensino.

Resumen: Este ensayo tiene como objetivo identificar las características de *iGen* o generación z articulando reflexiones con la literatura, con el objetivo de proporcionar un proceso educativo dialógico, dinámico, significativo, democrático y acogedor. Para ello, aprovechamos la literatura existente sobre el tema para consolidar un marco teórico que sea capaz de contribuir a las (trans)formaciones en el proceso educativo actual.

Palabras-clave: *iGen*, Educación Superior, Prácticas Pedagógicas, Enseñanza.

Introdução

Intrínseca à prática pedagógica está a necessidade em compreender a realidade vivida por nossos estudantes, movimento este que possibilita o acesso a como pensam, além de como e o que sabem (Freire, 1997). Tal perspectiva nos leva ao âmago desta investigação, que toma como ponto de partida angústias e reflexões no trato pedagógico com a *iGen* - geração z, ou ainda, nativos digitais - no processo de formação inicial em Educação Física (EF).

Presenky (2001) articula que uma das grandes adversidades na área da Educação é subsidiar a comunicação entre um corpo docente construído por “Imigrantes Digitais”, sujeitos nascidos na era analógica, antecedentes à era digital, e um corpo discente formado pelos “Nativos Digitais” - *iGen*. Como o autor elabora, esses docentes estão se empenhando para ensinar sujeitos que são fluentes em uma linguagem nova e totalmente diferente da que estão acostumados, estão migrando pouco a pouco para o mundo digital.

Nesse sentido, é fundamental considerarmos que mais do que possuir uma nova forma de comunicar-se, os estudantes que hoje preenchem nossas listas de chamada e salas de aulas “[...] não são os mesmos para os quais nosso sistema educacional foi criado (Presenky, 2001, p. 1)”. Portanto, tecer reflexões sobre o processo educativo-formativo no tocante a *iGen* perpassa a iniciativa de compreender suas características e vislumbrar melhorias significativas no processo educacional, seja na Educação Básica, a qual corresponde ao Ensino Fundamental anos iniciais e finais e Ensino Médio, seja no Ensino Superior - formação inicial e continuada de professores. Destarte, nesta investigação objetivamos identificar as características da *iGen* ou geração z articulando reflexões junto à literatura, almejando propiciar subsídios teórico didático-metodológicos para um processo educativo dialógico, dinâmico, significativo, democrático e acolhedor.

***iGen* e suas características**

Nascidos entre os anos de 1995 a 2010, mas como elucida Pondé (2017) “não fique obcecado com datas, elas podem se mover um pouco para cá e um pouco para lá”, a *iGen* (Twenge, 2018) ou geração i (Rosen, 2011), também chamada de “nativos digitais” (Presenky, 2001), *centennials*, geração z, Gen Z, *homo zappiens* (Veen, Vrakking, 2006), geração net (Oblinger, Oblinger, 2005), *screenager*, *Homeland Generation*, entre outros termos cientificamente e/ou culturalmente difundidos, têm intrigado pesquisadores das mais diversas áreas por suas características marcantes.

Esta geração é constituída por sujeitos que nasceram inseridos em um mundo tecnológico - imersos ao contexto digital, deste modo, possuem traços distintos de outras gerações no que se refere ao modo de agir, pensar e dialogar com o mundo, como também, na obtenção de informações e conhecimento. Corroborando a exposição, Palfrey e Gasser (2011) evidenciam as habilidades da *iGen* com relação ao uso das tecnologias nos mais diversos contextos, desde a construção de seus relacionamentos, a partir das redes sociais, à dinâmica de busca por informações e aprendizagens. Desta forma, torna-se explícito como a interação entre o sujeito e a tecnologia vêm em uma corrente de transformação no modo como vivemos e nos relacionamos entre nossos pares e o mundo.

A *iGen* ou geração z - entre outras terminologias já citadas - é composta por sujeitos que prezam pela liberdade e especificamente a liberdade de escolha, tendem a querer personalizar as coisas para assim apropriarem-se delas. Ademais, se constituem de bons colaboradores que estimam pelo diálogo e não pelos sermões, atribuem significado à questão da integridade, mas visam pelo divertimento tanto no âmbito educacional quanto no âmbito profissional (Tapscott, 2010). Segundo Prensky (2001), esta geração possui ricas habilidades em multitarefas, pois conseguem: ouvir música, conversar com os amigos através das redes sociais (teclar), enviar e receber arquivos de diversas ordens (documentos em word, excel, fotos, vídeos, gifs, entre outros), atualizar as redes sociais - atualmente, navegar pelo *tiktok*, *Instagram*, *X* “o antigo *twitter*” e outros, ao mesmo tempo que realizam atividades escolares sem que uma atividade interfira prejudicialmente na outra.

Todavia, apresentam características problemáticas no que tange a concentração em sala de aula, pois perdem o foco rapidamente, são imediatistas, porém, possuem propensão à procrastinação de tarefas, dormem menos, leem menos que as gerações que lhe antecedem, o que Twenge (2018) articula ao fato do limiar de atenção ser mais curto devido ao uso e estímulo dos recursos digitais e midiáticos. Ademais, a autora alerta que a predominância excessiva do uso dos smartphones pela *iGen* está inteiramente ligada a efeitos sob a interação social e a saúde mental dessa geração. Ao passo que as interações pessoais são, extremamente, conectadas em rede, essa geração tende a manter as relações superficiais, o tempo ao vivo com os amigos foi substituído pelo tempo online, relação causal com os sintomas de ansiedade, depressão e com a sensação de solidão gerada pelo uso das telas.

Aspectos característicos, estes, que estão impactando não só as transformações socioculturais relacionadas à mudança geracional como a dinâmica educacional como um todo. Portanto, refletiremos, a seguir, sobre o trato pedagógico para com a *iGen*.

Reflexões e Articulações Teóricas: a *iGen* e o Processo Educativo

Diante das experiências no campo profissional junto às características apresentadas com relação à *iGen* muitas inquietações surgem, tais como: de que forma subsidiar as características da *iGen* tentando um processo educativo significativo? Tapscott (2010) evidencia que precisamos “sair do palco”, propiciar momentos de explanação para nossos estudantes e realmente ouvi-los, precisamos aprender a dialogar mais do que falar. Isto é, necessitamos deixar o sistema educacional tradicional de lado, torná-lo interativo e dialógico. Devemos estimulá-los a encontrar caminhos propícios para a descoberta individual, a navegar em processos de pesquisa e pensamento crítico ao invés da tentativa falha de “transmitir” conhecimento, possibilitar que trabalhem em colaboração entre si e o mundo exterior ao âmbito educacional.

E como “conquistá-los” em um universo tão imediatista e interativo? Twenge (2018), ao evidenciar a diminuição de leitura e tempo de estudo dessa geração, sugere a inserção de materiais didático pedagógicos que abranjam atividades interativas a partir de compartilhamento de vídeos e questionários, como também, livros mais curtos com linguagem e estilo informal. Pensando sobre os desafios do Ensino Superior abraçando esses estudantes que carregam pouca experiência de leitura, nos remetemos à autora ao propor que façamos o movimento de ir até eles, sem que descuidemos de ensinar o que precisa ser ensinado e o que precisam aprender.

Para tanto, surge outro questionamento: de que maneira articulamos o contexto digital no âmbito educacional para atender as demandas de aprendizagem da *iGen*? Levando em consideração a integração, inerente, das tecnologias na sociedade contemporânea, visando a construção de sentido dentro de nossas práticas pedagógicas, compreendendo os processos dinâmicos de sala de aula, desde o processo de ensino-aprendizagem, a didática, as técnicas e estratégias metodológicas para propiciar a co-criação nas intervenções, consolidando o estudante como partícipe central no processo educativo. Nossa busca para com a (trans)formação desses jovens deve-se à não negar os recursos tecnológicos em sala de aula, mas sim elaborar intervenções para construção significativa de conhecimento, a partir do uso consciente da tecnologia.

Deste modo, de acordo com Moran (2013), nós, professores, devemos auxiliar nossos estudantes incentivando-os a indagação, a elencar questões relevantes, a construir critérios em suas investigações em rede, a avaliar os *websites*, a comparar os textos expostos a partir de visões distintas. Consideramos, por fim, que mais do que navegar pelas redes, precisamos orientá-los na busca constante do aprender à vida, nos aproximarmos dialogicamente de suas realidades - digitais - para a (trans)formação no processo educativo e social, ajudá-los na construção do seu ser pessoal, profissional e social.

Considerações Finais

Como em toda mudança geracional há desafios, medos e receios a serem enfrentados. Estamos todos, constantemente, “aprendendo a aprender”. Neste sentido, propomo-nos a identificar as características da *iGen*, articulando junto à literatura existente reflexões com o intuito de subsidiar transformações significativas no processo educativo. Consideramos, portanto, que as características, sejam elas “positivas ou desafiadoras”, da *iGen* estão movimentando a transformação educacional e sociocultural, sendo imprescindível a inversão dos papéis, a escuta, o diálogo, a compreensão dos diversos espaços sejam eles físicos ou digitais, para propiciar um processo de ensino-aprendizagem significativo, ativo, dinâmico que acolha e que respeite democraticamente as individualidades dos estudantes.

Referências

- Freire, P. (1997). *Professora, sim; Tia, não: Cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d’água.
- Moran, J. M. (2013). *Integrar as tecnologias de forma inovadora*. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica. 21 ed, pp.36-46.
- Oblinger, D.; Oblinger, J. (2005). *Is It Age or IT: first steps toward understanding the net generation*. In: Educating the Net Generation. Denver: Educause.
- Palfrey, J.; Gasser, U. (2011). *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração dos nativos digitais*. Porto Alegre: ARTMED.
- Pondé, L. F. (2018). Os jovens não estão mais evoluídos. In: Twenge, Jean M. *iGen: Por que as crianças superconectadas de hoje estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes e completamente despreparadas para vida adulta*. São Paulo: nVersos.
- Prensky, M. (2001). *Digital natives, digital immigrants*. On the Horizon. (Vol. 9, No. 5).

Rosen, L. D. (2011). *Teaching the igeration*. Educational Leadership. (No. 68, Vol. 5).

Tapscott, D. (2010). *A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos*. Rio de Janeiro: Agir Negócios.

Twenge, J. M. (2018). *iGen: Por que as crianças superconectadas de hoje estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes e completamente despreparadas para vida adulta*. São Paulo: nVersos.

Veen, W.; Vrakking, B. (2006). *Homo Zappiens: growing up in a digital age*. London: Network Continuum Education.